

Márcio N Amaral

O Circo  
Desbotado

Verão / 2024

## Coleção Fantasia

Amaral, Marcio N

O Circo Desbotado / Marcio N Amaral

1ª ed. Coleção Fantasia - Cunha/SP:

Unicorn Dreams, 2024.

Número de páginas: 174

ISBN: 9798875692949

1. obra de ficção narrativas, contos imaginários.

CDD – 808.83

CDU - 821.134.3-34

Direitos autorais © 2024 por Marcio N Amaral

autor.mna@gmail.com

Todos os direitos reservados.



**UNICORN DREAMS**



## Prelúdio

**N**o canto do coração, onde as lembranças dançam ao ritmo suave do tempo, repousa o Circo Desbotado. Era um espetáculo de cores desmaiadas, onde o vermelho se tornava um rubor tímido, o azul, um suspiro nostálgico, e o amarelo, uma lembrança ensolarada que se esgueirava por entre as frestas da memória.

Lembro-me das noites em que o aroma de pipoca e algodão-doce se entrelaçava no ar, envolvendo cada espectador em um abraço caloroso de saudade. Sob a lona desgastada, onde as estrelas serviam de teto, artistas encantadores desafiavam a gravidade e a monotonia da vida cotidiana. Trapézios rangiam suavemente como

notas de uma canção antiga, enquanto acrobatas dançavam no ar, deixando rastros de nostalgia em cada movimento.

Os palhaços, com seus sorrisos descoloridos pelo tempo, faziam rir as almas que se permitiam serem levadas pela magia simples e atemporal do Circo Desbotado. Cada gargalhada ecoava como um eco suave, ressoando em corações que buscavam refúgio na inocência perdida.

As tendas, como guardiãs de segredos esquecidos, testemunharam o brilho nos olhos de crianças que experimentavam o encanto pela primeira vez. Malabaristas habilidosos jogavam memórias ao vento, e o aroma de capim, serra-gem espalhadas pelo chão, e tinta fresca, contavam histórias silenciosas de viagens e aventuras vividas em terras distantes.

O picadeiro, marcado pelo passar dos anos, era o palco de sonhos e ilusões que se desvaneciam, mas que permaneciam vivos nas recordações. A trupe do Circo Desbotado, como pássaros migratórios, voava para longe, mas as suas pegadas ficavam gravadas na alma dos que tiveram a felicidade de testemunhar a magia efêmera.

Hoje, o Circo Desbotado pode existir apenas nas sombras da memória, mas sua essência

perdura, imortalizada em sorrisos saudosos e lágrimas de alegria. Porque, mesmo que as lonas tenham sido recolhidas e as luzes apagadas, o espetáculo continua em cada coração que se deixa envolver pela melodia suave das lembranças. O Circo Desbotado, a tênue alma de todos os circos com sua poesia desgastada, é eterno, como um sonho que dança entre as estrelas, resistindo ao apagar das luzes e ao desvanecer das cores.





## Capítulo 1 – O Circo Chegou



Os caminhões e trailers velhos chegaram lentamente, alguns exibindo sinais de idade avançada, com para-lamas amarrados, retorcidos com remendos improvisados. Lucca, sem esperar pelos rangidos da porta da sala de sua casa, optou por pular pela janela, antecipando-se à locomotiva da Rede Federal, que se aproximava perigosamente na ferrovia, com os trilhos passando a apenas quinze metros do alpendre de sua casa. Os mesmos trilhos, que a menos de quinze dias, nos quais ele ao cair bateu o pulso esquerdo, fraturando, tendo que ser levado ao pronto-socorro da cidade. Sorte, que no momento passava por perto um amigo da família, que ao ver o braço em forma de S do menino, tratou de socorrê-lo.



THE BUFFALO JRE-KHAW  
**Circo Severino**

THE GIRLS  
OF THE CIRCUS

0182

THE GIRLS OF THE CIRCUS

1935

185

Primeiramente foram buscar recursos no principal hospital da cidade, naquele dia, sem gesso disponível no pronto atendimento, tendo o amigo ter que levá-lo de taxi até Belo Horizonte. Ele ainda estava com o braço engessado e que deveria estar pendurado em uma tipoia; não estava. O braço com gesso estava solto e ativo, sujo e rabiscado. Sua mãe, uma mulher de fala mansa na maioria das vezes e postura rígida, o repreendeu, e mesmo com o braço quebrado saiu em disparada.

— Ah, moleque! Uma hora esse trem te mata! Deixa seu pai chegar, Zebedeu. A vara de marmelo vai cantar no seu lombo, filhote de cruz-credo!

Lucca, sorrindo enquanto corria, conseguiu cruzar os trilhos segundos antes da passagem do trem, com o maquinista, da janela da locomotiva, esbravejando e proferindo palavras inaudíveis em sua direção. A impetuosidade do menino era notória, resultando em frequentes punições, como chineladas, sovas com cinto ou vara de marmelo. Sua pressa era justificada pela certeza de que um circo se instalaria na área em frente à sua casa; o gesso não era impedimento à altura de deter seus malfeitos.



Ao ler o nome na porta do caminhão, Circo Severino, confirmou a sua suspeita, transformada em pura alegria. Lucca percebeu pouca gente, no máximo uma dezena de pessoas, talvez um pouco mais e decidiu ficar por perto dos acontecimentos, ansioso por participar do evento, de uma maneira ou de outra. Como toda criança, foi logo buscando com os olhos onde estavam os animais, porém, avistou apenas um velho chipanzé que parecia muito velho, dormindo profundamente, tendo uma corrente presa à grade de sua tosca gaiola e uma coleira envolta em seu pescoço.

O condutor de um caminhão Chevrolet, agonizante, chamando-o com um grito, pediu a ajuda de Lucca para observar a distância, com a intenção de estacionar próximo ao barranco que delimitava a área com a faixa de segurança da estrada de ferro. O espaço para montagem do circo ficava cada vez menor a cada ano que se passava. Ao invés de escutar, preferiu colocar em prova uma frase que havia aprendido sobre esse tal de Chevrolet, decupando cada letra do nome em uma palavra.

*Cheguei*  
*Hoje*  
*Estou*  
*Vazio*  
*Radiador*  
*Ordinário*  
*Lataria*  
*Esperando*  
*Trabalho*

— Moleque! Espia se eu posso ir mais um pouco. Quando a roda estiver perto do barranco, avisa. — pediu o motorista esticando o pescoço para fora da janela o máximo que podia, intrigado com a atenção do menino tentando ler o nome na frente do caminhão. — Menino, espia pra mim!

Com o estalo da atenção alertado, Lucca, sentindo-se importante, ergueu o franzino braço para sinalizar a proximidade dos pneus dianteiros com a crista do barranco, cheio de mato. O motorista, ao descer para conferir, se assustou.

— Tá doido, moleque! Um centímetro para cair lá pra baixo! Quer que eu despenque na linha do trem?

— O senhor disse bem pertinho, uai! — justificou o garoto.

— Está bem! Está bem! Eu disse. Olha isso, não há cinco centímetros de da beirada para despencar lá embaixo.

— É circo, né? – Lucca procura interagir.

— É! — responde seco o motorista, de humor rasante, talvez pelo cansaço da viagem.

— O senhor emburrou? Minha mãe disse quem emburra é criança mijona e birrenta.

A observação quebra o gelo. O motorista acha graça na presença de espírito do menino, depois, num estalo, pergunta. — Você quer ganhar uma entrada para a matinê?

— Que pergunta! Quero, e muito!

— Busca água pra mim, e me ajuda com estas cordas subindo na carga e desamarrando, que te dou um ingresso.

— O “por favor”, não vem antes? — é o que a minha mãe sempre diz para mim. “Menino, antes peça por favor”.

— Certo, certo. Sua mãe tem razão... Por favor, vossa excelência poderia me trazer um vidro de água. Ganha um ingresso.



CIRCO

SEVERINO

SEVERINO

SEVERINO

— Dois! — disse Lucca. O motorista, surpreso com o pedido por dois ingressos, reconheceu a perspicácia do garoto.

— Você é esperto, garoto! Vais se dar bem na vida. Pena que nosso patrão não tenha esta visão.

— Ele é cego? Perdeu a visão?

— Esquece o que te falei, menino... Tem certeza de que pode buscar a água, com este braço quebrado?

— O outro braço está bom. Vou buscar já! Geladinha. Meu pai comprou uma geladeira Hotpoint. A Inglesa Levy entregou ontem.

— Hot... o quê?

— Hotpoint, estrangeira, daquelas que tem uma luzinha vermelha na porta. Acho que meu pai ficou rico, só pode.

Lucca, ágil como um macaco de circo, foi num pé e voltou no outro, trouxe um enorme vasilhame de plástico cheio de água gelada e subiu na carga do caminhão para desamarrar as cordas.

— Você é ligeiro, pula feito um macaco de circo. Obrigado pela água. — agradeceu o motorista, devolvendo o vasilhame ao menino.

— Pode ir pra casa agora; não quero confusão com seus pais. Qual o seu nome?

— Confusão por causa de quê? É Lucca! Meu nome é Lucca.

— Os pais preocupam se os filhos estão na rua, sabia? — retruca o motorista.

— Sabia..., meu pai nem em casa está e minha mãe nem sabe onde ando. — ri o menino.

— Ah! Moleque... vai pra casa.

— Cadê meus dois ingressos? — inquiriu Lucca, fixando o olhar no motorista.

— Agora? Nessa confusão toda? Passe aqui amanhã.

— Agora! Foi nessa confusão toda que eu busquei a água e desamarrei as cordas, foi agora, não foi amanhã.

Sem alternativa, o motorista gritou para Regina, a bilheteira:

— Regina! Dá dois ingressos para o garoto esperto!

— Agora, Giuliano? Nem desembalamos nada. Preciso de ajuda aqui. — reclamou Regina.

— Pode ajudá-la, garoto? É minha esposa. Ela cuida da bilheteria.

— Posso! Mais dois ingressos.



CIRCO

SEVERINO

SEVERINO